



MEMÓRIAS E TRAJETÓRIA DE UMA HISTORIADORA PIONEIRA: ENTREVISTA COM MARIETA DE MORAES FERREIRA

*Memories and trajectories of a pioneering historian:
an interview with Marieta de Moraes Ferreira*

LUCAS BARROSO¹

ANDRÉA CRISTINA DE BARROS QUEIROZ²

RESUMO:

A presente entrevista foi realizada como parte da análise da trajetória dos 45 docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que foram cassados durante a ditadura civil-militar (1964-1985). A entrevista integra o projeto de pesquisa “A UFRJ e a ditadura civil-militar (1964-1985): lugares de memória e trajetórias”, coordenado pela entrevistadora Andrea Cristina de Barros Queiroz. Os objetivos do projeto são: investigar os impactos repressivos e as violações de direitos humanos ocorridos na UFRJ durante o regime ditatorial; a trajetória dos professores que foram cassados durante esse processo; e, por fim, identificar os lugares de memória da UFRJ que têm relação com a ditadura. Nesse contexto, a entrevista buscou compreender as relações de conflito, conciliação e apoio entre os membros da instituição e o governo autoritário, a partir das experiências da entrevistada, a Professora Emérita do Instituto de História (IH) da UFRJ, Marieta de Moraes Ferreira, historiadora brasileira, pioneira nos estudos que se dedicaram à metodologia de História Oral no Brasil e que, atualmente, têm se mobilizado para analisar as trajetória do curso de História da UFRJ. Essa entrevista oferece, assim, contribuições valiosas sobre o contexto da repressão política nas Universidades brasileiras durante esse período histórico autoritário.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura Civil-Militar. História. Repressão.

ABSTRACT:

The present interview was conducted as part of the analysis of the trajectory of 45 professors from the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) who were dismissed during the civil-military dictatorship (1964-1985). The interview is part of the research project “UFRJ and the civil-military dictatorship (1964-1985): places of memory and trajectories,” coordinated by the interviewer Andrea Cristina de Barros Queiroz. The objectives of the project are to investigate the repressive impacts and human rights violations that occurred at UFRJ during the dictatorial regime; the trajectory of the professors who were dismissed during this process; and, finally, to identify the places of memory at UFRJ related to the dictatorship. In this context, the interview sought to understand the relationships of conflict, conciliation, and support between the members of the institution and the authoritarian government, based on the experiences of the interviewee, Professor Emerita of the Institute of History (IH) at UFRJ, Marieta de Moraes Ferreira, a Brazilian historian, pioneer in the studies dedicated to the methodology of Oral History in Brazil, and who is currently mobilized to analyze the trajectory of the History course at UFRJ. This interview thus offers valuable contributions on the context of political repression in Brazilian universities during this authoritarian historical period.

KEYWORDS: Civil-Military Dictatorship. History. Repression.

GESTÃO EDITORIAL:

Bruna Cristina Oliveira Pupe
Pedro Haas Zanotto

SUBMETIDO: 25/05/2024

ACEITO: 02/07/2025

COMO CITAR:

BARROSO, L.; QUEIROZ, A. C. B. Memórias e trajetória de uma historiadora pioneira: entrevista com Marieta de Moraes Ferreira. *Aedos*, Porto Alegre, v. 18, n. 41, p. 334-361, ago.–dez., 2026.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

1 Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Bolsa Nota 10 da FAPERJ. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1853-3289>. E-mail: lucas.barroso@ufrj.br.

2 Historiadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretora da Divisão de Memória Institucional do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ. Possui Pós-Doutorado e Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7173-375X>. E-mail: andreaqueiroz@sibi.ufrj.br.

A realização desta entrevista faz parte das análises suscitadas em torno da trajetória dos docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que foram cassados pela instituição durante o período da ditadura civil-militar (1964-1985) no país. Esta investigação, por sua vez, está inserida no projeto de pesquisa “A UFRJ e a ditadura civil-militar (1964-1985): lugares de memória e trajetórias”, vinculado à Divisão de Memória Institucional (DMI) do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) da UFRJ.

Dentro dessa lógica, o referido projeto possui o objetivo central de investigar os impactos repressivos e as violações de direitos humanos ocasionados pelo regime ditatorial dentro na Universidade e, com isso, também compreender as relações de conflito, resistência, conciliação e apoio de integrantes do corpo social da instituição com o próprio governo autoritário, a partir da análise da trajetória de vida dos quarenta e cinco (45) professores cassados neste contexto.

As universidades brasileiras, durante a ditadura civil-militar, foram palco de intensas disputas, vigilância e controle autoritário. A repressão institucional se manifestou de diversas formas, tanto dentro quanto fora dos *campi*. O ambiente universitário foi um dos principais alvos dos agentes da repressão. A chamada “Operação Limpeza” inaugurou as primeiras ações repressivas, logo após o Ato Institucional número 1 (AI-1). Dezenas de professores sofreram perseguições políticas, aposentadorias compulsórias, demissões arbitrárias, expurgos, prisões e torturas.

Outra legislação de exceção que também marcou a coerção sob as universidades foi o Ato Institucional número 5 (AI-5), de 13 de dezembro de 1968. Por meio dele, houve o acirramento da ditadura, possibilitando cassar direitos civis e políticos sem direito a julgamento, fechar o Congresso, entre outras medidas autoritárias. Foi com base no AI-5 que muitos professores e pesquisadores, incluindo os da UFRJ, foram expulsos das universidades e das instituições de pesquisa.

Diante de uma fachada democrática, os governos militares, amparados pelos seus atos institucionais, criaram outras legislações para dar suporte aos aspectos mais específicos, a fim de manter o controle sobre a sociedade e as instituições, como o decreto-lei número 477, de fevereiro de 1969, conhecido como o “AI-5 das Universidades”, que representou um marco na repressão às instituições de ensino e pesquisa públicas e privadas. Promulgado pelo general Artur da Costa e Silva, o decreto permitia a expulsão e punição de professores, estudantes e funcionários administrativos acusados de “subversão”. A prática docente e intelectual, que já era vigiada e controlada antes mesmo do golpe, passou a ter uma legislação específica para acelerar os casos de expulsão sem julgamento prévio, o que, por sua vez, criou um clima de terror nos *campi*.

A antiga Universidade do Brasil (UB), atual UFRJ, ilustra esse cenário de repressão institucional. Antes mesmo do golpe de 1964, a instituição já contava com o Código Disciplinar 135, que previa sanções internas para a “subversão”. Professores, estudantes e funcionários podiam ser advertidos, repreendidos, suspensos e demitidos, dependendo da “gravidade” da infração. O processo era rápido e sumário.

A repressão resultou em uma significativa redução do corpo docente da UFRJ, expulsão de estudantes e um grande impacto negativo no desenvolvimento de pesquisas, especialmente nas áreas de Ciências Humanas, Sociais, Artes e Letras. As bibliotecas universitárias também sofreram este controle com uma censura às suas obras. Entre 1969 e 1974, 24 estudantes e 2 professores da instituição

desapareceram ou foram assassinados pela ditadura, de acordo com o relatório da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos (Queiroz, 2018).

Neste contexto, apesar das tentativas de criar programas de pós-graduação alinhados aos ideais modernizadores-conservadores do regime ditatorial (Motta, 2014), a UFRJ enfrentou uma significativa redução em seu corpo docente. O período também testemunhou a expulsão de estudantes, o que também impactou negativamente na produção de pesquisas, tanto novas quanto as que estavam em andamento antes do golpe.

No campo das Ciências Humanas na instituição, a repressão foi mais intensa. Os programas de pós-graduação não se concretizaram no Departamento de História, por exemplo. Muitos professores haviam sido cassados pela instituição e outros se aposentaram. No entanto, o corpo docente não foi reposto na mesma velocidade, ainda que o regime de cátedra houvesse terminado. Por esses motivos, a pesquisa se enfraqueceu no recém-criado Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), resultando na defesa de nenhuma dissertação no *campus* até 1982 (Ferreira, 2014).

Acerca desse cenário, a historiadora brasileira e professora emérita do Instituto de História (IH) da UFRJ, Marieta de Moraes Ferreira, têm mobilizado grande esforço para focalizar os principais embates políticos e historiográficos travados no curso de História da antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNF/UB) entre os anos de 1958 e 1968, bem como os efeitos provocados pela repressão desencadeada pela ditadura civil-militar (1964-1985) no Brasil que atingiu seus professores e alunos.

Sua principal metodologia de pesquisa tem sido o uso de depoimentos orais. Na década de 1990, o uso da História Oral teve um *boom* no Brasil. O seu uso intensificado deu-se em virtude de mudanças no campo da produção historiográfica, movidas pelo rompimento com o paradigma estruturalista e pelas transformações na Academia que foram encabeçadas pelo pioneirismo da historiadora brasileira na América Latina.

Desenvolvida inicialmente fora da comunidade acadêmica dos historiadores, a História Oral, bem como o uso das fontes orais, passou a ocupar um novo espaço nos debates historiográficos em vista das transformações recentes ocorridas no campo da História, em geral, a partir da década de 1980, com a emergência da História do século XX (também definida como a História do Tempo Presente) e da coexistência entre sujeitos e objetos; revalorização do papel do sujeito; mudanças no conteúdo dos arquivos; disponibilidade maior de registros sonoros, como articulações pessoais e o telefone; retorno do político e o fato de que muitas decisões são tomadas por meio da comunicação oral; e novas linhas historiográficas que reconhecem que o passado é construído segundo as necessidades do presente (Ferreira, 2002).

Um dos grandes trabalhos de Marieta de Moraes Ferreira que unem essas duas temáticas – as repressões e resistências do Ensino de História; e o uso da História Oral – é o livro intitulado *História como ofício: a constituição de um campo disciplinar* (2015), em que, a partir de depoimentos orais e outras fontes tradicionais de pesquisa, trouxe um amplo panorama sobre o surgimento do curso de História no Brasil até a recente instrumentalização do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS/UFRJ), perpassando pelos impactos da repressão ditatorial no curso, sobretudo na UB/UFRJ.

Além de suas importantes contribuições para a área, a pesquisadora brasileira também vivenciou, tanto como estudante quanto como professora, boa parte da repressão ditatorial ao pensamento crítico entre as décadas de 1960 e 1980. Durante este período, acompanhou, por exemplo, a perseguição a duas importantes historiadoras e também professoras da UFRJ, Maria Yedda Leite Linhares (1921-2011) e Eulália Maria Lahmeyer Lobo (1924-2011), e depois trabalhou com ambas no curso de História da UFRJ, quando elas foram reintegradas à Universidade na década de 1980 no pós-Anistia.

Sua trajetória acadêmica também foi marcada pelo período repressivo. Marieta de Moraes Ferreira ingressou no curso de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1969, e se formou em 1973, quando começou a lecionar em escolas do ensino básico do município do Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, também fez uma especialização *lato sensu* no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades). Em 1974, tornou-se professora de História do Brasil da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia, em Nova Friburgo, RJ. Também neste ano, iniciou o mestrado em História do Brasil na UFF.

Em 1976, tornou-se pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa. Em 1978, deixou a Faculdade de Nova Friburgo, e assumiu o cargo de subcoordenadora do *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro (DHBB)* no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), local onde desempenhou vários cargos e funções, inclusive a de diretora. Foi responsável por diversas pesquisas, como o Programa de História Oral do CPDOC, e hoje coordena a editora da FGV.

Em 1985, ingressou no doutorado em História do Brasil na UFF, tendo defendido a sua tese em 1992. Assim como na dissertação, foi orientada pela professora emérita do curso de História da UFF, Ismênia de Lima Martins. Em 1996, fez estágio de pós-doutoramento na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris, sob a supervisão do historiador Roger Chartier.

Ferreira ingressou na UFRJ como professora de História do Brasil, do então Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) em 1986, hoje o curso de História está ligado ao Instituto de História (IH). Quando Marieta chegou ao IFCS, havia um ambiente de renovação, pois muitos professores que haviam sido cassados durante a ditadura, como Linhares e Lobo, tinham acabado de ser incorporados aos quadros docentes da UFRJ, além do retorno daqueles que haviam se afastado como: Francisco Falcon, José Luís Werneck e Bárbara Levy (Fico, 2022).

No curso de História da UFRJ, foi chefe de Departamento entre 1992 e 1994, quando estruturou o curso noturno de História. Tornou-se professora do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da UFRJ, onde orientou diversas teses e dissertações. Além disso, foi uma das responsáveis pela implementação do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) na UFRJ. Também foi presidente da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e da *International Oral History Association* (IOHA). Tem em seu currículo 31 livros publicados, 53 capítulos de coletâneas e 37 artigos em periódicos acadêmicos, tendo orientado no PPGHIS cerca de 24 teses de doutorado, 26 dissertações de mestrado, além de 4 estágios de pós-doutoramento. (Fico, 2022)

Ao longo de sua vida acadêmica, dedicou-se a pesquisar a História Política e as elites políticas da Primeira República, contribuindo para a renovação historiográfica vista em torno da História do Rio de Janeiro, do ensino de História, das relações da História do Tempo Presente com a Memória e da disseminação do trabalho com a História Oral no campo da História. E, por fim, com o seu trabalho mais recente contribuiu para que novas pesquisas fossem desenvolvidas a partir de seu trabalho sobre

a história do campo da História no Brasil. A profusão de sua produção intelectual também se destacou na História da Historiografia nacional, tornando-se grande referência em trabalhos sobre a História do Brasil, do Rio de Janeiro e da Historiografia.

Por tudo que foi mencionado sobre a sua trajetória de vida, a sua relação com o período repressivo da ditadura civil-militar (1964-1985) e a sua importância para a produção historiográfica no Brasil, a historiadora e professora emérita do Instituto de História da UFRJ, Marieta de Moraes Ferreira nos concedeu essa entrevista que também irá compor o acervo em construção sobre a memória da UFRJ durante o regime de exceção.

Com duração de 1 hora e 47 minutos, a entrevista a seguir foi realizada presencialmente na Biblioteca Pedro Calmon, no campus da Praia da Vermelha da UFRJ, entre Marieta de Moraes Ferreira, a entrevistada, e a historiadora Andréa Cristina de Barros Queiroz, a entrevistadora e também diretora da DMI do SiBI da UFRJ. A gravação e o áudio foram realizados por Yuri Jesus Aby Haçan, técnico audiovisual do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. Já a transcrição foi executada por Lucas Barroso, estudante de história da UFRJ e bolsista de Iniciação Científica do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) da UFRJ, com revisão da coordenação do projeto.

ENTREVISTA DO DIA 22/11/2022

Andrea Queiroz: *Boa tarde, professora Marieta de Moraes Ferreira, convidada para participar do nosso projeto “Memória dos professores da UFRJ”. Hoje é dia 22 de novembro de 2022, na biblioteca Pedro Calmon, no campus da Praia Vermelha da UFRJ. E este projeto está ligado ao trabalho de pesquisa da Divisão de Memória Institucional do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ. Bem-vinda, professora Marieta.*

Marieta de Moraes Ferreira: Boa tarde, Andrea. É uma satisfação participar desse projeto. Agradeço imensamente o convite, procurarei contribuir, né... eu sei da importância dos depoimentos orais, da questão que constitui essa memória institucional. Então eu fico muito satisfeita de poder colaborar e dar o meu depoimento no sentido de trazer novos elementos, novos fatos, que auxiliem o crescimento e a expansão desse programa.

Andrea Queiroz: *Obrigada mais uma vez. Eu gostaria de saber um pouquinho da sua trajetória. Pode contar para gente?*

Marieta de Moraes Ferreira: Bom, eu nasci aqui no Rio de Janeiro, em outubro e logo me mudei para Nova Friburgo. Meus pais residiam lá, minha família tem uma origem rural, pelo menos uma parte significativa, né? A família Moraes era uma família de fazendeiros de café, nessa região de Cantagalo, Cordeiro, Trajano de Moraes. Meus avós, meus bisavós... abriram fazendas de café nessa região. Também tenho um lado da minha família é... originária daqueles imigrantes suíços que vieram no começo do século XIX para fundar a Vila de Nova Friburgo.

Então, depois do meu nascimento, eu retornei para Nova Friburgo, onde meus pais residiam. Eu passei grande parte da minha infância e adolescência nesse mundo rural. Meus pais moravam em uma pequena

fazenda em Friburgo e eu me alfabetizei numa escola pública, ao lado do sítio onde nós morávamos. Naquele estilo de que tinha uma professora que dava aula para todas as turmas. Alfabetização, primeira série, segunda série, terceira série (risos). Era uma coisa muito diferente do que a gente está acostumado hoje no processo de alfabetização. Depois, quando eu fiquei um pouco maior, já estava no primário, os meus pais me matricularam num colégio na cidade, que era o Colégio das Irmãs de Dorotéia, que se chamava Colégio Nossa Senhora das Dores.

E lá eu fiz todo o meu curso secundário, final do primário, depois ginásio, naquela época e depois escola normal. Não era uma coisa que eu queria fazer, mas era o que a minha mãe achava. . . meus pais, o que eu devia fazer. Então, eu tive uma educação, assim, muito conservadora, de uma família tradicional, de proprietários de terra, também muito católica. Estudei no colégio religioso toda a minha formação inicial, mas eu sempre não ficava muito satisfeita com aquela situação. É uma família também muito patriarcal, com uma predominância muito grande dos homens, uma dominação muito importante de todos os homens da minha família, todos as referências, pessoas que me fizeram destaque na vida política e na vida local desses municípios. A começar pelo meu tetravô, que foi Barão das Duas Barras, que foi um grande fazendeiro de café no século XIX, mas eu não me sentia nada confortável com aquela situação. Eu, desde muito pequena, dizia que eu queria trabalhar, que eu não queria depender de homem. Eu usava essa expressão ainda muito criança. E mesmo na escola, sendo um colégio também muito tradicional, muito religioso, eu montei, junto com uma turminha e a gente era bem rebelde dentro das possibilidades da época, estávamos sempre aprontando alguma coisa.

Então, essa foi a minha formação. Nesses primeiros anos da minha vida. Desde muito tempo, quando eu já estava terminando o ginásio, eu já desejava vir estudar no Rio de Janeiro. Não tinha muitas condições de vir, meus pais não achavam que era conveniente, até que quando eu terminei o curso normal, eu disse “eu não quero ser professora”. Eu quero dar continuidade nos meus estudos no Rio de Janeiro”. Aí eu acabei convencendo meus pais que eu poderia vir e ficar morando com uma tia que residia numa casa enorme no Cosme Velho. Então eu vim morar na casa dela.

Andrea Queiroz: *Isso foi em que ano?*

Marieta de Moraes Ferreira: Isso foi em 1960, final de [19]68. Passei esse período de [19]68 para [19]69, me ambientando num novo universo. [19]68 foi um ano muito agitado politicamente, mas eu tinha também amigos que eu tinha conhecido em Araruama. Que era também um lugar onde a gente tinha uma casa de veraneio, que nós íamos sempre. E lá eu conheci alguns amigos que foram muito importantes para a minha vida. Que eram pessoas que já estavam na Universidade, um grande amigo meu na PUC [Pontifícia Universidade Católica do Rio Janeiro], outro na escola de Química da UFRJ. E a partir dele, eu comecei a conhecer pessoas no Rio de Janeiro. Todas de esquerda, todas militantes. E aí comecei também a fazer leituras. E me interagir com essas pessoas, começar a ir ao teatro, cinema. Uma das primeiras leituras que eu fiz nessa fase era o livro do Leo Huberman, *História da Riqueza do Homem*, que era o tipo achado para abrir a cabeça das pessoas jovens. E aí comecei, final de [19]68, especialmente, era aquele período das grandes manifestações, das grandes passeatas. Mas eu era uma pessoa que meio olhava de longe, estava me familiarizando com aquele novo universo. E aí em [19]69, de fato, é que eu ingressei em um curso pré-vestibular na cidade, que se chamava curso Platão, que eu

sabia que queria fazer um curso na área de Ciências Humanas, mas eu não sabia exatamente o que eu ia fazer.

Eu tinha vontade de fazer psicologia, era uma ideia. Mas não tinha como uma coisa, assim, definida. E, nesse contexto, então eu tive como professor de História, nesse curso Platão, o professor Ilmar Mattos. Ele era um excelente professor de História, professor que tinha uma didática. Tem ainda porque ele está vivo, acho que ainda dá algumas aulas na PUC, embora aposentado. Mas foi uma coisa muito interessante ser aluna dele e estudar História, porque eu até então não tinha estudado História. No colégio que eu estudei, a História era muito misturada com religião. E era uma História muito tradicional, muito... muito factual, em cima daqueles livros de Borges Hermida. Então, quando eu comecei a ser aluna do Ilmar no curso Platão, para mim foi descortinar um novo... uma nova realidade.

E, a partir daí, resolvi que ia fazer, então, o vestibular pra História. E acabei é... fazendo o vestibular no meio do ano, porque a UFF abriu um vestibular para completar vagas no meio do ano. E, principalmente naquela época, a minha ideia era fazer vestibular para a UFRJ, para o IFCS, porque eu morava em Laranjeiras, não estava nos meus planos ir para Niterói, até porque naquela época era ir de barca, era uma coisa longe, que gastava-se tempo. Mas todos meus colegas do curso Platão, que eram pessoas muito mais familiarizadas com a vida política aqui no Rio de Janeiro, porque tinha muita gente que era do CAP [Colégio de Aplicação da UFRJ]. E eles, sabe, já conheciam a bibliografia, falavam de Caio Prado, de Nelson Werneck Sodré, de Celso Furtado, que, para mim, eram coisas que eu nunca tinha ouvido falar. Imagina, vindo de um colégio de freira em Nova Friburgo, estava muito, ainda muito né, desatualizada em relação a essas discussões na área de História e Economia. E, então, eu acabei fazendo vestibular para a UFF, porque surgiu esse vestibular no meio do ano e porque meus colegas diziam que a UFRJ, no caso IFCS, estava sendo alvo de muitas perseguições políticas, com cassação de muitos professores, com um clima forte de repressão, com polícias na sala de aula, um clima de total desconfiança de tudo e de todos.

E aí eu falei, não, então vou fazer para a UFF. Fiz, passei nesse vestibular de meio de ano, que para mim foi uma surpresa, porque eu achava que eu disputava, né, vagas com pessoas que tinham formação muito melhor do que a minha, mas eu acabei me saindo muito bem esse vestibular. A maior nota da História foi a minha. E era um número de vagas muito pequeno, foram 20 pessoas que foram selecionadas de curso de história. E aí, logo em agosto de [19]69, eu já comecei a cursar o primeiro semestre de história na UFF. E lá, eu concluí meu curso de graduação em [19]73 e, logo depois, em [19]74, eu já imediatamente comecei a fazer o mestrado, que também, a UFF tinha recém criado o mestrado, era acho que a segunda ou terceira turma. E comecei a fazer o mestrado de história na UFF.

Andrea Queiroz: *Nessa época o mestrado era de quanto tempo?*

Marieta de Moraes Ferreira: Ah... era um mestrado mais longo. Eu não me lembro exatamente, mas eu me lembro que, você vê, eu entrei em [19]74 e eu defendi a minha dissertação em outubro de [19]77. Foram dois anos e meio praticamente. Mas a gente fazia muitos créditos, havia um número de crédito maior para ser cumprido. Eu ganhei uma bolsa da CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], naquela época isso era uma novidade. Então, foram as primeiras turmas, eu acho, de pós-graduação na área de história que estavam recebendo bolsas.

Andrea Queiroz: *Nesse momento, você já trabalhava como historiadora e como professora?*

Marieta de Moraes Ferreira: Não, quando eu me formei, em 1973, logo, imediatamente, eu fiz concurso para o Estado, para ser professora – naquela época ainda era Estado da Guanabara. Porque era... eu tinha feito licenciatura e era a carreira que abria-se para mim naquele momento. E ao mesmo tempo eu também, com essa minha tradição friburguense, procurei a Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia que existia em Nova Friburgo e que era vinculada ao colégio onde eu tinha estudado. Então eu fui lá, me apresentei, eu já conhecia aquelas freiras, disse que eu estava já fazendo mestrado na UFF e que eu queria saber se haveria chance de dar aula lá. Então, praticamente, eu iniciei dando aula na Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia, de História do Brasil, e dando aula para a educação básica naquela época que tinha acabado de haver a Reforma Educacional de 1971. Então, eu dava aula para o que se chamava do primeiro grau, que era de 5º à 8º série, eu dava aula para várias turmas, de 5º, 6º e 7º, enfim, numa escola em Copacabana, Cocio Barcellos, e depois eu passei para dar aula numa Escola São Tomás de Aquino, no Leme.

Então, o ano de [19]73, [19]74 e final de [19]75, foram essas as minhas atividades. Em [19]76, surgiu a oportunidade de uma colega minha da UFF... ela me disse: “vai ter um concurso na casa de Rui Barbosa, você não quer fazer? Existe oportunidade, estão abrindo algumas vagas”. E aí eu fiz o concurso para trabalhar na casa de Rui Barbosa como pesquisadora, passei e aí então eu pedi uma licença sem vencimento e depois acabei me exonerando do meu cargo como professora na educação básica.

Andrea Queiroz: *no Estado?*

Marieta de Moraes Ferreira: no Estado. E fiquei então trabalhando na Faculdade de Filosofia Santa Doroteia, Nova Friburgo, que foi minha primeira experiência como professora universitária. E, também, trabalhando na Casa de Rui Barbosa e fazendo um mestrado, porque eu ainda não concluí o mestrado. Então esses foram os primeiros anos da minha carreira. Em [19]77, eu defendi a minha dissertação e logo em seguida eu fiquei... – nessa altura eu já era casada, então – fiquei grávida em [19]77 e em [19]78 minha filha mais velha, Isabel, nasceu... em março de [19]78. E aí realmente ficou difícil eu continuar dando aula em Friburgo. Mesmo minha família morando lá, meus pais continuavam morando lá, mesmo eu também em casa, enfim, possibilidade de estar indo sempre para Nova Friburgo, na prática eu não... Ficava difícil. Uma coisa era ir para Nova Friburgo para visitar meus pais e passar o fim de semana, outra coisa era ter um compromisso de toda sexta feira. E lá, eu dava aula de nove da manhã até às seis da tarde, então era uma carga horária puxada, né!

Mas foi uma experiência muito interessante, sabe? Dar aula na faculdade de Santa Doroteia, porque primeiro lá, quando eu entrei, nós só tínhamos duas professoras no curso. Eu dava Brasil... todos: Colônia, Império, República. E uma outra colega dava Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea, enfim. E aí eu comecei a falar para a diretora da escola: “não é possível vocês terem um curso de história que os professores dão aula de tudo. Tem que ter uma especialização, a gente precisa melhorar o curso, trazer novas pessoas”. E essa diretora da faculdade era uma freira que estava vivendo um momento, assim... de muita renovação também, e aí eu comecei... ela me autorizou a convidar os colegas da

UFF para irem trabalhar lá. Então, nós, praticamente, criamos uma subsidiária da UFF na Faculdade Santa Doroteia.

Então, começou dando aula lá. Eduardo Silva, que também era meu colega na Casa do Rui Barbosa, além de ter sido meu contemporâneo na UFF. João Raimundo, que também era meu colega da UFF. Sônia Rebel, que era minha colega da UFF. Irani Silva, que era também colega da UFF. E mais Sidney Solis, que não era de História, era de Sociologia, também colega da UFF. Luiz Carlos Soares. Então, a gente formou lá um núcleo de professores... e foi muito interessante, porque a gente fez uma... praticamente uma pequena revolução no curso!

Andrea Queiroz: *Esse curso ainda existe?*

Marieta de Moraes Ferreira: Não, esse curso não existe. Esse curso... depois eu saí em [19]78, mas alguns dos meus colegas continuaram, o próprio João e a Soninha ficaram muitos anos, porque eles se mudaram para Friburgo e continuaram lá e moram lá até hoje. Mas, o curso continuou durante muitos anos. Eu acho que o curso terminou, se eu não me engano, acho que agora, depois de 2000, porque a faculdade começou a ter muitas dificuldades é... nessa área dos cursos de licenciatura e a faculdade acabou fechando. O Colégio Santa Doroteia, o Colégio... a Nossa Senhora das Dores das Irmãs Santa Doroteia continua, mas a faculdade encerrou a atividade. Foi uma grande pena, mas pra mim foi muito interessante essa experiência... pra esses colegas. Foi, digamos, a minha primeira experiência de docência na Universidade.

Depois disso, eu fiquei muitos anos sem dar aula. Em [19]78, ainda no ano de [19]78, quando eu já tinha terminado o mestrado né... estava trabalhando na Casa de Rui Barbosa, mas também surgiu uma nova oportunidade na minha vida, que era a Fundação Getúlio Vargas, no CPDOC. Então, é... também uma colega me disse: “Olha, está abrindo uma vaga lá no CPDOC para contratar pessoas para trabalhar no *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Você não quer se candidatar? Quem sabe você tenha interesse?” Eu estava muito desestimulada lá na Casa de Rui Barbosa, porque quando eu entrei a gente tinha um núcleo muito interessante de pessoas muito dinâmicas, um núcleo de pessoas que tinham vindo da PUC. Então, foi bastante estimulante.

Mas a partir de um determinado momento, em [19]78, muitas dessas pessoas saíram para fazer pós graduação, foram fazer mestrado na UNICAMP [Universidade Estadual de Campinas], outros saíram... mudaram de setor. E eu estava muito desestimulada de trabalhar lá na Casa de Rui Barbosa. E aí eu me candidatei para essa vaga no CPDOC e apresentei meu currículo, o que eu fazia. E a pessoa que me selecionou foi a professora Alzira Abreu e ela inclusive me falou assim: “Você tem alguma professora, alguma pessoa que tenha referências suas e tal?” Eu falei: “Bom, bom... eu posso falar das pessoas da UFF que foram meus professores” – até então eu tinha estudado tanto a graduação quanto o mestrado – “mas também tem a professora Maria Yedda Linhares”. Então, a Alzira tinha sido da antiga Faculdade Nacional de Filosofia na Universidade do Brasil, tinha sido aluna da Maria Yedda Linhares, depois tinha convivido muito com a Maria Yedda na França durante o período de exílio da Maria Yedda. Eu não expliquei como é que eu tive contato com a Maria Yedda, não sei se você quer deixar para nós falarmos mais tarde.

Andrea Queiroz: *Podemos falar mais tarde.*

Marieta de Moraes Ferreira: Mas, o fato é que eu queria registrar que a minha entrada no CPDOC teve uma participação, ainda que indireta, da Maria Yedda Linhares, entendeu... que fez boas recomendações sobre a minha pessoa (risos). E aí eu comecei a trabalhar no CPDOC no final de 1978 e estou na Fundação Getúlio Vargas até hoje.

Andrea Queiroz: *Então há 44 anos...*

Marieta de Moraes Ferreira: É...

Andrea Queiroz: ... *Nesse momento?*

Marieta de Moraes Ferreira: É... Continuei trabalhando... Trabalhei muitos anos no CPDOC, onde eu inicialmente no *Dicionário*, depois participei do... a gente criou o Núcleo de História Política no estado do Rio de Janeiro, desenvolvemos um grande projeto de História Oral, também publicamos vários trabalhos sobre a história do Rio de Janeiro.

Nessa época, eu acabei fazendo, em [19]83, eu acho, [19]84... Eu fiz seleção para o doutorado da UFF novamente. Porque eu demorei praticamente cinco anos, depois que eu terminei o mestrado, para me candidatar para o doutorado. Porque não existia doutorado de História no Rio de Janeiro naquela ocasião. Você teria que ou se candidatar para o Museu Nacional, em Antropologia, ou para o IUPERJ [Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro], Ciência Política, Sociologia. Eu não tinha vontade de deixar a área de História. E com isso, eu fiquei um pouco aguardando. Eu estava com uma filha pequena para ir para São Paulo, era bastante difícil. E, quando abriu o doutorado na UFF, eu fui me inscrever na primeira turma. Então, foi quando eu comecei a fazer o doutorado na UFF, já trabalhando no CPDOC, inclusive coordenava um projeto especial chamado "História Política do Rio de Janeiro". E até fiz o meu projeto de doutorado vinculado a essa História Política do Rio de Janeiro.

Andrea Queiroz: *E como foi esse processo até chegar à UFRJ?*

Marieta de Moraes Ferreira: Ah... então, o meu processo de chegar à UFRJ foi através da Bárbara Levy. A Bárbara Levy... eu... quando eu entrei para o doutorado na UFF, nessa primeira turma, eu também voltei a ter contato com a Maria Yedda Linhares, que era uma dos membros da banca, eu me lembro da banca... assim... entendeu?... que era Eulália Lobo, Maria Yedda Linhares, Francisco Falcon e Ismênia Lima Martins. Esses eram... não sei se tinha mais alguma... tinha mais uma pessoa, que eu não estou me lembrando agora. Então, eu fui dessa primeira turma. E Manolo Florentino também foi dessa primeira turma. José Luiz Werneck, a Anitta Leucádia Prestes. Era um número pequeno, acho que, mais ou menos, seis ou sete alunos que foram aprovados. Aí comecei a fazer o doutorado. E eu era aluna da Bárbara Levy, que trabalhava no CPDOC e fazia o doutorado. Já tinha afastado da atividade

docente há muito tempo, desde [19]78. E aí a Bárbara tinha sofrido um acidente de carro, ela ia fazer uma cirurgia em Brasília e ela estava responsável por um curso lá no Mestrado de História Social no Departamento de História.

Andrea Queiroz: *Que estava recém criado, né?*

Marieta de Moraes Ferreira: É, estava recém-criado. Na verdade, também acho que é uma oportunidade de registrar essa História. Quando, no começo da década de [19]70, quando houve uma expansão dos Programas de Pós-Graduação, inclusive é o momento que é criado o mestrado da UFF. Na UFRJ também, no IFCS, o Eremildo Viana resolveu que queria criar um Mestrado em História. E aí ele criou um Programa de Pós-Graduação que deveria se constituir um mestrado, só que nunca se constituiu, porque, na verdade, ele não conseguiu estruturar um curso com uma grade de disciplinas e com um conjunto de professores que, de fato, é... tivesse consistência para se constituir no mestrado. Então esse curso ficou durante anos recebendo alunos que fizeram várias disciplinas. Se você entrevistar, por exemplo, Neyde Theml, é... Nara Saletto, várias pessoas que, naquela época, é... ingressaram nesse curso com o intuito de fazer um mestrado e não conseguiam porque o curso não era reconhecido mesmo dentro da UFRJ. Ele não chegou... não chegava a ser aprovado nas instâncias superiores da UFRJ. E aí esse curso foi nesse processo... os alunos faziam disciplinas, faziam disciplinas mas nunca conseguiam é... legitimar os seus créditos.

Com o processo de anistia e a volta dos exilados, várias pessoas voltaram, para trabalhar lá no Departamento de História, entre elas a própria Maria Yedda Linhares, a própria Eulália Lobo (espirro)... desculpa... e a própria Bárbara Levy. E a Eulália então vai assumir a coordenação do curso em 1982. Finalmente, o curso é reconhecido como um mestrado. Então, mas ainda era um curso com muitas dificuldades: muito recente, ainda sem um reconhecimento maior.

E eu cheguei lá exatamente nesse momento, que a Bárbara falou assim: “Marieta, você pode ficar me substituindo no curso”. Eu falei: “Mas, Bárbara, como é que eu vou te substituir num curso de dar aula para o mestrado? Eu nunca dei aula no mestrado, eu também não dou aula há muito tempo”. Ela falou: “Não, mas você tem muita experiência de pesquisa, você trabalhou na Casa do Rui Barbosa, você tá no CPDOC já há muitos anos, você tem experiência de coordenação de projetos, é... de orientação de trabalhos, eu acho que você vai sair muito bem...” E aí eu comecei a, em março de 1986, dar o primeiro curso, a minha primeira experiência num curso de mestrado.

Andrea Queiroz: *Nesse momento você não tinha defendido o doutorado?*

Marieta de Moraes Ferreira: Não, eu não tinha defendido. Eu estava cursando o doutorado. Eu era orientanda da Ismênia, mas eu tinha muita proximidade com a Bárbara também, né?

Andrea Queiroz: *Qual foi o ano que você defendeu o doutorado?*

Marieta de Moraes Ferreira: O doutorado? Ah, eu defendi em [19]91. Aí... mas deixa eu... vou te contar é... esse interregno aí. Então, eu no primeiro semestre eu fiz, dei essa disciplina. E aí... é... eles precisavam, né... a própria direção do IFCS, que, na época estava com o Vilhena, é... tinha que conseguir um recurso para me remunerar, ainda que fosse uma coisa simbólica. E o Vilhena, então, viu o meu currículo, que já tinha bastante publicação, tinha já bastante experiência de pesquisa, por causa do meu trabalho no CPDOC, e aí falou: “Ah, talvez fosse interessante essa moça vir trabalhar aqui como uma professora visitante”. E aí eu queria registrar também isso... a Rosilene Alvim, que era professora da Antropologia lá do IFCS. Ela também fez muito boas recomendações a meu respeito, porque ela tinha sido minha professora de antropologia na UFF e depois nós mantínhamos uma relação pessoal, enfim, por conta até dos nossos filhos – nessa altura meu segundo filho já tinha nascido também.

E então, meus colegas do departamento, nessa época eu acho que a chefe do departamento era Nara Saletto e o próprio José Luiz Werneck, que, logo depois... sugeriram, encaminharam para a reitoria um pedido de professora visitante para mim. No segundo semestre de [19]86, eu dei aula novamente na pós-graduação. Então, como essa professora, sei lá, acho que era “professora conferencista”, “professora convidada”. Não tinha nenhum cargo oficializado, tá entendendo? Até porque eu nem tinha doutorado. A partir de novembro de 1986, aí eu passei a ter um vínculo oficial com a UFRJ. Saiu meu contrato de professora visitante. Aí... no ano seguinte, eu entrei para dar aula na graduação. Parei com esse negócio de ser professora na pós graduação e fui dar aula na graduação.

Andrea Queiroz: *E é importante lembrar que é no momento do contexto da reitoria do professor Horácio [Macedo], que faz essa regulamentação. É isso?*

Marieta de Moraes Ferreira: Exatamente.

Andrea Queiroz: É nesse contexto.

Marieta de Moraes Ferreira: Meu contrato de visitante foi assinado na gestão dele. Então, ... e nesse momento, havia da parte do IFCS e do próprio Departamento de História, um interesse muito grande de renovação, porque o Departamento de História tinha sido destruído praticamente, né... com as cassações, com aquele nível de repressão que existia, né... o ingresso de muitas pessoas que é... passaram a participar do Departamento e não tinham propriamente feito um concurso. Então, era um momento de reestruturar essa cultura. E no mesmo momento em que eu me tornei professora visitante, também entraram Manolo Florentino, que era meu colega do doutorado na UFF, e o professor Manoel Salgado, que tinha acabado de voltar do seu doutorado na Alemanha. Então, era um pequeno núcleo que ingressou ali no Departamento de História. Logo em seguida entraram também o professor Afonso Carlos, que pediu transferência da UFF para a UFRJ, e o Francisco Carlos também pediu transferência da UFF para a UFRJ. Então, nós entramos mais ou menos na mesma fase no Departamento de História. Mas eu fiquei os anos de [19]87, [19]88, [19]89 dando aula apenas na graduação. Porque aí a minha situação na UFRJ tava regularizada como professora visitante e com uma carga horária destinada à graduação.

Andrea Queiroz: *E qual é o momento que se torna efetiva?*

Marieta de Moraes Ferreira: *Aí, em 1988, abriu o concurso para professora na área de Brasil. Aí começaram a abrir os concursos. Abriu para a América, Manolo fez, Manolo Florentino, que se candidatou para a América, foi aprovado. Abriu o concurso para professor de Teoria da História, Manoel fez o concurso. E abriu pra Brasil e eu fiz pra Brasil – e era um concurso que não era ainda para adjunto, era pra assistente. E aí eu pude fazer o concurso, mesmo não tendo concluído o doutorado.*

Andrea Queiroz: *Vou aproveitar esse momento... é nesse momento, também, que você tem contato com todos os outros professores que retornaram, né? Alguns que retornaram, nem todos retornaram, reformulando a pergunta: os que retornaram, os professores cassados da FNFfi que vão ser redistribuídos agora nos institutos criados e nos cursos criados. E como é que foi essa sua relação com esses professores que vieram desse processo de exílio?*

Marieta de Moraes Ferreira: *Olha, é... bom... Uma das pessoas, que, pra mim, foi muito importante, embora ela não tivesse sido cassada, mas ela foi afastada do IFCS, da antiga Faculdade de Filosofia, que era a Bárbara Levy, que tinha sido assistente, digamos, informal da Maria Yedda, mas era considerada do grupo da Maria Yedda. É... também tinha o professor Francisco Falcon, que tinha sido meu professor na graduação, na UFF, mas também tinha sido meu professor em uma disciplina do doutorado. Eu tinha a Eulália e a própria Maria Yedda, que estava também nesse momento lá na UFRJ. Mas eu, na verdade, não tive muito contato com a Maria Yedda nesse momento na UFRJ, porque logo depois a Maria Yedda vai ser convidada para ser Secretária de Educação. Então, ela tava também na UFF, então ela dava uns cursos na UFF e tava na Secretaria de Educação.*

Andrea Queiroz: *Lembrando, ela vai ser Secretária de Educação do município no momento que o Darcy é Secretário de Educação do Estado, no governo Brizola. É... você fez uma lembrança sobre a sua relação com a Maria Yedda anteriormente a isso. Você pode agora falar um pouquinho sobre essa relação?*

Marieta de Moraes Ferreira: *Então, a minha relação com a Maria Yedda foi uma relação, eu acho assim, muito importante. Na minha vida, na minha carreira. Embora, assim... do ponto de vista formal, ela não foi minha orientadora, tá. Que eu sempre fui orientada pela Ismênia, gostaria até de registrar isso. Uma pessoa também que foi muito importante na minha carreira, com quem eu tenho um grande apreço, uma grande amizade. E mesmo a Maria Yedda... não me lembro, de ter feito um curso regular. Mas como é que eu conheci a Maria Yedda e porquê ela é tão importante na minha vida? Quando eu estava fazendo mestrado na UFF, eu fui a um seminário que a Bárbara Levy organizou no Ibmec, naquela época, e eu acabei conhecendo a Maria Yedda Linhares, que estava assistindo esse seminário, eu acho. Tava Eulália... todos ainda exilados...*

Andrea Queiroz: *...cassados...*

Marieta de Moraes Ferreira: ...cassados, vamos dizer assim. Não estavam exilados, mas estavam cassados. Então, é... eu conheci a Maria Yedda, apresentada por uma moça que era colega minha do mestrado. E aí começamos a conversar. E a Maria Yedda era uma pessoa muito acessível, sabe assim? Muito interessada nas pessoas jovens. E ela começou a me perguntar o que eu estudava, o que era a minha dissertação, qual era o meu projeto, o que eu tava fazendo.

E eu comecei a falar e explicar para ela que eu estudava os comissários de café no Rio de Janeiro do século XIX. Ela achou muito interessante. Eu falei: “ah, que interessante, gostei muito desse tema, acho que é muito importante”. Ela já estava envolvida com aquela história da agricultura. Ela tinha vindo há pouco tempo de volta da França. E aí ela falou: “ah, podemos marcar para conversar”. Eu falei: “ah, gostaria muito de conversar com a senhora, de expor meu projeto”. Aí marcamos e ela me recebeu na casa dela. Ela morava em Copacabana, na Rua, acho que era 5 de julho. Eu não sei se é 5 de julho, mas é onde ela morou a vida toda. Então, eu fui lá e ela falou: “vem almoçar comigo”. Eu fui almoçar, fui lá e falei para ela o que era o meu projeto, expliquei o que eu estava fazendo. Ela me disse assim: “olha, escreve. Coloca no papel. Comece a escrever, porque é isso que você está dizendo... eu acho muito interessante”. Eu já tinha pesquisado muita coisa no Arquivo Nacional, na Junta Comercial, e aí ela me disse: “comece a escrever. Comece a fazer sua redação, porque aí você vai ter... à medida que você for escrevendo, você vai arrumando melhor suas ideias, você vai desencadeando também as suas leituras”.

E assim eu parei e comecei a escrever. Comecei a escrever. Escrevi o primeiro capítulo, escrevi o segundo capítulo, que era no papel almaço e à lápis. E aí depois dos dois primeiros capítulos, eu fui a ela. Liguei pra ela de novo. “Professora Maria Yedda, eu escrevi algumas coisas, queria que a senhora olhasse”. Ela falou: “pode vir aqui almoçar”. E aí lá fui eu almoçar. Nunca tinha sido aluna dela. Aí você vê a disponibilidade que ela tinha. Também eu acho que ela estava muito ansiosa, assim, sabe? De voltar a ter contato com alunos, com as novas gerações, depois de ter ficado exilada tanto tempo, né? Claro que ela tinha alunos na França, mas diferente da realidade dela, no país dela. Então, eu acho que foi muito enriquecedor essa troca. Ela leu aquilo com maior atenção, fez correções, naquele papel escrito à lápis, entendeu? E fez várias anotações, mexe nisso, escreve... lê aquilo, fez muitas observações. E disse: “então, agora você vai e continua o trabalho”. Aí eu fui, continuei o trabalho, fiz as correções que ela sugeriu. Esses eram os dois primeiros capítulos. Eu tinha que fazer mais dois outros capítulos. Depois, quando eu voltei a ela, já tinha um copião. Entreguei para ela. Ela leu aquilo tudo de novo, tudo... aquela coisa de escrita a mão com uma letra horrorosa, ela leu tudo, fez várias observações. “Eu acho que precisa melhorar, precisa melhorar, é... leia isso, é preciso fazer aquilo”. Então, ela funcionou, praticamente, como uma coorientadora. Claro que eu tinha uma orientadora, que era a Ismênia, mas a Maria Yedda ia assim no nível de detalhe, sabe, que foi... me ajudou muito. Foi muito importante para mim. E aí concluí, né, a dissertação. Chegou a hora de defender.

Então, isso era no final de [19]77. Aí eu falei pra Ismênia: “Ismênia, eu queria muito convidar a professora Maria Yedda, porque eu conversei muito... ela me deu muitas sugestões, ela acompanhou também a redação da minha dissertação”. A Ismênia, imediatamente, disse: “claro, vamos convidar”. Só que, quando a gente chegou na direção lá do ICHF [Instituto de Ciências Humanas e Filosofia], na UFF, eu falei: “claro, Maria Yedda não pode participar de uma banca. Ela ainda está cassada e ela não pode participar de uma banca federal... com instituições federais”. Eu fiquei muito frustrada e disse para ela: “professora, eu lamento profundamente, mas não posso convidar a senhora. A senhora não vai poder

participar da banca”. Ela disse: “ah, minha filha, tudo bem, eu já estou acostumada com essas restrições todas. Eu já ajudei, não estava pensando nisso”. E aí defendi, né, a dissertação logo depois, em [19]78.

Andrea Queiroz: *Uma breve pausa, você fez uma dedicatória a ela?*

Marieta de Moraes Ferreira: Fiz. Os agradecimentos. Os agradecimentos.

Andrea Queiroz: *Os agradecimentos.*

Marieta de Moraes Ferreira: E aí ela... Depois eu defendi a dissertação e tal, porque eu continuava nessa altura trabalhando ainda na Casa de Rui Barbosa e dando aula na Faculdade de Filosofia lá de Santa Doroteia, em Nova Friburgo. E aí, em [19]78, ela logo disse para mim... depois que eu... encadernei a dissertação direitinho, levei um exemplar para ela, ela falou: “vamos publicar a sua dissertação, porque a sua dissertação é muito boa, tá entendendo?”. E nesse meio tempo, ela ainda, acho que ainda não tinha sido anistiada... mas ela tinha sido convidada para organizar um mestrado em agricultura, num órgão que era da Fundação Getúlio Vargas. Isso ao longo do ano de 1978.

Então, ela fala isso em uma entrevista: “bom, eu não podia participar de uma banca numa Universidade, mas eu podia dirigir um programa é... da Fundação Getúlio Vargas” – que passou logo depois a funcionar no Horto, que deu origem àquele programa de pós-graduação em Estudos Agrícolas, não me lembro, exatamente, o nome certinho, que hoje integra a [Universidade Federal] Rural [do Rio de Janeiro]. Mas, durante... nas origens desse programa, que era um Programa de Pós-Graduação é... e de linhas de pesquisa sobre História, não era só História, era História, mas tinha outras linhas de pesquisa também. E a Eulália participava desse Programa, a Maria Yedda participava, e tinham várias outras pessoas que participavam.

E ela queria publicar essa minha dissertação lá. Eu comecei, inclusive, a preparar os originais. Ela me disse: “não, tira isso, faz aquilo” para fazer a publicação. Mas aí, o ano de [19]78 foi muito difícil, tinha acabado de ter bebê, enfim, não consegui dar conta de fazer as alterações que ela tinha sugerido que eu fizesse. E depois ela acabou também... veio a anistia, ela retornou pra UFRJ, retornou... acabou mais tarde vindo pra UFF e eu acabei não publicando.

Andrea Queiroz: *Tanto Eulália, quanto Maria Yedda vão pra UFF a convite da Ismênia e participam do Programa. Se eu não me engano em termos de data, elas assumem no Programa de Pós-Graduação [de História] da UFF antes de retornar pra UFRJ. Mas elas conseguem primeiro ir pra UFF e depois pra UFRJ.*

Marieta de Moraes Ferreira: É.

Andrea Queiroz: *Aí teria que verificar mesmo a data.*

Marieta de Moraes Ferreira: Eu não sei te dizer.

Andrea Queiroz: *Eu não sei a precisão assim da data.*

Marieta de Moraes Ferreira: Eu não sei te dizer também. Mas, enfim, retomando essa história da Maria Yedda, né. Então, é a partir dessa experiência, né, de um trabalho conjunto na minha dissertação, é que eu tive esse... esse contato muito estreito com ela, né, e um contato muito enriquecedor pra mim, né, de muita proximidade, porque eu frequentava a casa dela, ia lá, conversava, ela me falava muitas coisas da experiência dela como professora, né.

E aí passou o tempo, quando fui pro CPDOC novamente eu recorri a ela e falei: “professora, eu estou me candidatando para o CPDOC e eu preciso de uma carta de recomendação”. E aí ela fez uma carta de recomendação – não sei onde essa carta foi parar, se ela está nos arquivos do CPDOC, não sei, enfim. E o fato é que, novamente, a interferência dela... a presença dela foi muito importante pra mim. Aí, bom, passaram os tempos, né... eu continuei, fiz concursos, fui no concurso lá para a UFRJ. Então, a partir de [19]88, final de [19]88, eu fiz o concurso. E aí passei a ser professora do quadro, como professora assistente, o concurso que eu fiz foi para assistente.

E... até que em [19]91 eu defendi o meu doutorado. Eu me lembro que a Bárbara Levy tava na banca. Ela tava tão bonita, com uma roupa branca. Sabe, a Bárbara era uma pessoa muito bonita, muito interessante. A Yedda não foi na minha banca de doutorado, não sei porquê. Mas a Bárbara e a Ismênia foram. Acho que tinha outras duas pessoas. Angela de Castro Gomes. E duas pessoas da USP [Universidade de São Paulo]. E logo depois a Bárbara ficou doente. Logo.. acho que assim dois dias depois ela teve o primeiro desmaio. Aí a investigação já indicou o câncer que ela tinha. E a partir de então, foi um período muito difícil, mas eu devo muito a ela.

Então eu tive, assim, três mulheres muito importantes na minha carreira, sabe? A Maria Yedda, que eu acho que foi uma pessoa fundamental nesse momento. A própria Bárbara Levy, que me trouxe de volta para a atividade docente e a própria Ismênia, que foi a minha orientadora e que sempre me apoiou muito, sempre me dedicou muita atenção e muita amizade.

Andrea Queiroz: *Um pouquinho dessa sua trajetória até entrar também como professora do Programa de Pós-Graduação [da UFRJ]. Porque se eu não me engano o doutorado do PPGHIS começa em [19]92, não é isso?*

Marieta de Moraes Ferreira: Exatamente. Aí eu, em [19]91, eu concluo o meu doutorado na UFF. E aí logo em seguida com o título de doutora... agora eu poderia de fato ingressar no doutorado da UFRJ que estava sendo organizado. A pessoa, de fato, que teve o papel central do doutorado da UFRJ foi o professor Francisco Falcon. Ele foi a pessoa que também... o antigo assistente da Maria Yedda, ele foi a pessoa que já tinha tido uma experiência do doutorado da UFF, que ele também foi um dos organizadores. Porque o Falcon, além das qualidades acadêmicas, como professor, né... ele também dominava muito essa parte da burocracia: como é que você monta um programa, como é que você organiza a grade, o que é que você se inscreve, como é que é o processo de seleção. Então ele teve um papel muito importante para ingressar... para estruturar o doutorado, lá do PPGHIS.

Andrea Queiroz: *E a relação com as agências de fomento, né?*

Marieta de Moraes Ferreira: Também, pois é... porque ele tinha sido, eu acho que ele tinha sido Pró-reitor da UFF de Pós-Graduação, se não me engano, nesse período e depois ele também tinha sido, eu acho, consultor da CAPES, alguma coisa ali, nessa área. Então ele tinha muita experiência de como é que se montava, como é que se organizava um Programa de Pós-Graduação e a própria relação entre o mestrado e o doutorado, como é que se estruturava isso. Então ele teve um papel muito importante. E aí eu comecei a atuar é... no mestrado da UFRJ, naquela época a gente tinha uma escala: você primeiro tinha que entrar no mestrado, trabalhar no mestrado, depois que você tivesse orientado uma dissertação do mestrado, aí você poderia começar a orientar no doutorado. E aí, ao longo desses anos todos, é... continuei, né, trabalhando na UFRJ, na graduação, mestrado, doutorado.

Mas de novo, como é que a Maria Yedda, retorna também, novamente (risos), à minha carreira, né, e a minha... ao meu universo de pesquisa? Passaram os tempos... eu acho que, não me lembro agora exatamente o ano, mas já na década de [19]90 – é, mas a gente olhando a *Revista Estudos Históricos*, a gente pode recuperar isso – havia uma ideia, tanto na UFRJ, lá no IFCS, no caso até acho que no Departamento de História, de fazer algumas entrevistas com professores – é... que têm a ver com o seu programa, né, aqui da... do SiBI – entrevistar pessoas da UFRJ que tinham sido cassadas, que tinham uma carreira importante. E também no CPDOC, que eu continuo lá... porque quando eu fiz concurso para a UFRJ, eu não fiz concurso para a D.E. [Dedicação Exclusiva], eu fiz concurso para 40 horas. Então, por isso eu pude continuar trabalhando no CPDOC. Ao mesmo tempo que eu tinha todas as responsabilidades de uma D.E. [Dedicação Exclusiva]. Mas, nunca fui D.E. na UFRJ, nunca ganhei como D.E. e nem me aposentei como dedicação exclusiva. Mas é... na *Revista Estudos Históricos* também havia essa ideia de publicar, em cada número da *Revista Estudos Históricos*, entrevistas com historiadores brasileiros, porque já se fazia a publicação de entrevistas de pesquisadores, historiadores, antropólogos estrangeiros. E aí surgiu também a ideia: vamos entrevistar e fazer entrevistas com brasileiros. E eu tinha... já estava encadeada essa ideia de fazer entrevistas com professores da UFRJ. E aí eu fui entrevistar a Maria Yedda, retorno à Maria Yedda. Fui entrevistar a Maria Yedda. É... foi uma entrevista longa, que durou, sei lá... não sei quanto tempo, até porque, nessa época, ela era Secretária de Educação [do Estado do Rio de Janeiro]. Então, as entrevistas demoravam para ela remarcar. Remarcava, aí depois passava um tempão, ela não podia, aí de novo eu ia fazer nova entrevista e foi essa entrevista que está publicada na *Revista Estudos Históricos*.

Andrea Queiroz: *A data na [Revista] Estudos Históricos é [19]92.*

Marieta de Moraes Ferreira: Então, foi exatamente por aí que eu fiz a entrevista, porque ela foi publicada em [19]92. Talvez eu tenha feito a entrevista... porque lá tem a data também de quando a entrevista foi realizada. Eu acho que deve ter sido também em [19]91, [19]92. Enfim, nesse momento, preciso... na entrevista com ela, sobre a carreira dela... eu já tinha um pouco de interesse de conhecer um pouco a história do curso de História [da UFRJ]. E isso também foi um dos motivos que me levaram a fazer a entrevista com ela. E aí ela me falou muito da carreira dela e da entrada dela na

Universidade do Distrito Federal, como é que ela se interessou por fazer História. E ela me falou muito dos professores franceses que vieram para o Rio de Janeiro. Eu fiquei... tomei conhecimento da existência das missões que vieram para o Rio de Janeiro. A primeira missão que veio trouxe o Henri Hauser, o Eugène Albertini, o... um outro professor geógrafo e depois também a segunda missão, que era com o Tapier, que era um professor de História Moderna e Contemporânea, já veio aí no contexto do Estado Novo, não mais da UDF [Universidade do Distrito Federal]. E... e eu fiquei muito interessada com esses professores, porque até então a gente só ouvia falar das missões que foram pra USP. Então era o Braudel, era o Lévi-Strauss, então foram os professores que foram para a USP, o curso História da USP, que tinha essa origem, digamos, nobre, com a contribuição dos professores franceses, né... essa vinculação também... essa memória entre o curso de História da USP e a École de Paris, os *Annales* mais precisamente. Enfim, eu achei aquilo de saber que tinham vindo professores franceses para o Rio de Janeiro, especialmente Henri Hauser, que a Yedda falava muito dele. Foi a primeira vez que eu ouvi falar de Henri Hauser, nunca tinha ouvido falar disso, nem ninguém sabia disso, nem eu nunca tinha ouvido, nem nunca tinha ouvido ninguém falar. Enfim, isso me acendeu novamente uma luz, vou estudar isso, acho muito interessante, quero estudar esse assunto.

E... e aí comecei a pesquisar um pouco sobre isso, de olhar a documentação, é... aqui do PROEDS [Programa de Estudos e Documentação e Sociedade da Faculdade de Educação da UFRJ], vi algumas coisas. Fiz uma entrevista com o Eremildo Vianna, que aliás está no meu livro, uma entrevista muito curta, é... uma entrevista que eu focalizei exclusivamente nesse período dele como aluno na Universidade do Distrito Federal.

Andrea Queiroz: *E ele aceitou tranquilamente?*

Marieta de Moraes Ferreira: Aceitou tranquilamente, foi muito tranquilo. Depois ele me deu carta de cessão. Eu usei a interferência da Neyde Theml, que tinha sido assistente dele. E ela falou com ele e disse... e disse que podia me receber. É... eu fiquei muito interessada nisso. Aí conversei... depois voltei a conversar com a Yedda algumas vezes sobre isso, mais até informalmente, né.

E comecei a me preparar para fazer um pós-doc na França. Isso já era em 1996. Eu quero fazer um pós-doc na França. Eu já tinha terminado o doutorado desde [19]91. O que que eu quero estudar? Eu não quero ir para a França fazer um pós-doc para estudar temas brasileiros. Eu quero ir para a França fazer um pós-doc para estudar as origens dessa missão francesa para o Rio de Janeiro. As duas, na verdade. A primeira para a UDF e a segunda já para a Faculdade Nacional de Filosofia.

E aí fiz o projeto... na ocasião até voltei a conversar com a Yedda, falei para ela que eu estava fazendo esse projeto, que queria muito... Ela tinha sido uma pessoa importante para me falar desses personagens, especialmente do Henri Hauser. E aí me candidatei para fazer esse projeto das missões francesas e fui pra França para estudar essas missões. E aí fui... comecei, fiz... o ano de [19]97 todo eu passei lá fazendo pós-doc. Meu supervisor era o Chartier, que eu já conhecia da vinda dele aqui ao Rio de Janeiro.

E aí eu sempre tinha contatos com a Yedda, mas eram contatos mais esparsos, né. Mas, em seguida, em função desse projeto, eu publiquei vários artigos, entrevistei muitas outras pessoas que deram... esse trabalho deu origem àquele livro, *A História como Ofício*, onde eu publiquei as várias entrevistas,

não só essa da Yedda, que eu publiquei, mas usei outras entrevistas, como o da Eulália, que tinha sido feita por outras pessoas, e todas as outras entrevistas que eu tinha feito, com o Falcon, com antigos alunos da Faculdade Nacional de Filosofia e do próprio IFCS.

Publiquei aquele livro. E aí, depois, quer dizer, já antes quando eu voltei do pós-doc na França, né, eu parei um pouco com essa pesquisa, porque, nesse momento, eu continuei dando aula na pós-graduação, na UFRJ, dando aula na graduação, nunca parei. Só parei naquele ano que eu tinha tirado para fazer o pós-doc. Voltei a tomar minha atividade normalmente, mas me tornei diretora do CPDOC em 2000. No ano 2000. Em 1999, acho. É [19]99. E com isso, essa pesquisa sobre os cursos de História ficaram meio secundarizadas. Eu deixei, não dei segmento a eles. Quando eu saí da direção do CPDOC, em 2005, imediatamente, eu retomei esse projeto sobre os cursos de História da UDF e da Faculdade Nacional de Filosofia, de fazer uma investigação mais detalhada e de olhar, digamos, a face é... brasileira dos cursos.

Eu tinha investido muito mais nas missões que tinham vindo. Lá na França, eu pesquisei bastante. Porque eu pesquisei os arquivos do *Quai d'Orsay*, Ministério de Relações Exteriores, pesquisei os próprios documentos do Arquivo Nacional dos dossiês desses professores. E as próprias publicações desses professores, as redes que eles tinham, especialmente o do Hauser, que já era uma pessoa renomada lá. Como é que era a relação deles com os *Annales*, a própria relação do Hauser com o Braudel, que ele é quem indica o nome do Braudel para vir na missão para São Paulo. Então foram descobertas bastante interessantes.

Mas depois, quando eu voltei é que eu retomei o tema, falei: não, agora eu quero olhar pelo lado brasileiro, como é que esses cursos foram montados, como é que era a grade curricular. E comecei a pesquisar muito sobre isso. E, evidentemente, a figura da Maria Yedda reaparece – agora, não mais como informante, nem como orientadora.

Andrea Queiroz: *Mas como objeto?*

Marieta de Moraes Ferreira: ... mas como objeto, como da pesquisa. E, principalmente, uma coisa que me marcou muito foram os documentos que eu levantei no arquivo do DOPS [Departamento de Ordem Política e Social]. Os dossiês, a famosa célula comunista que existia na Faculdade Nacional de Filosofia.

Andrea Queiroz: *Célula Anchieta?*

Marieta de Moraes Ferreira: É. E a Maria Yedda como a grande líder, mentora daquele processo todo ali. Enfim, então foi um momento de voltar a ela.

Andrea Queiroz: *Foram 7 IPMs dela, né?*

Marieta de Moraes Ferreira: Foram. E todo assim uma gama, né? É... é muito interessante, eu acho muito interessante essa pesquisa, especialmente a figura da Maria Yedda... é de você olhar esses dois tipos de fontes. De um lado, uma fonte primeira que foi o depoimento dela: ela relatando a carreira dela, como é que ela se aproxima, como é que ela vai entrar na UDF, depois ela sai, vai fazer aquele mestrado nos Estados Unidos, depois volta, depois o próprio ingresso dela como assistente do Delgado de Carvalho, depois o concurso para livre docente, depois o concurso para catedrática, e a cassação, o retorno. E... o próprio assim... descrição dela do que foi esse período, é... pré-64, depois o período pós-64. Especialmente esse período entre [19]65, quando ela retorna, que no ano de [19]64 ela ficou bastante tempo fora... conseguiu sair e ficar um tempo fora, mas ela não tinha sido cassada, então ela pôde retornar em [19]65. As tentativas de criação do mestrado, de linhas de pesquisas novas, a própria presença dela também, mas isso antes de [19]64, né... a ANPUH [Associação Nacional de História]. É muito interessante.

Andrea Queiroz: *Eu ia exatamente entrar nesse assunto. Tanto ela quanto a Eulália, elas têm uma força também muito importante. Primeiro porque são duas mulheres que estão fazendo frente aquele machismo arraigado entre os catedráticos. A maior parte eram homens ali e que não tinham como experiência da prática docente a pesquisa. Como é que é esse processo? A introdução da própria pesquisa no Ensino de História com a participação tanto dela, Maria Yedda, quanto da Eulália. E depois as duas se assustam quando retornam também e veem que simplesmente é terra arrasada. Nenhuma pesquisa foi produzida naquele período da ausência.*

Marieta de Moraes Ferreira: É, eu acho, quer dizer a Maria Yedda fala muito... ela falou na entrevista dela de como o curso de História da FNF era um curso onde não se fazia pesquisa. Pesquisa... Fazia-se pesquisa sim, bibliográfica, que ela dizia que era um curso voltado para a formação de professores. Não havia essa ideia de fazer pesquisa em fontes primárias, em arquivo, até porque havia as restrições que o próprio Hélio Viana colocava, que ele dizia que pesquisa de História do Brasil era só do curso de História do Brasil, não outra área de Moderna e Contemporânea não podia fazer pesquisas em arquivo sobre esses temas. Então, na verdade, a Maria Yedda fazia muita, eu acho... fazia pesquisa, mas era muita pesquisa bibliográfica, porque ela tinha... a orientação dos cursos dela era muito interessante no sentido de que ela trazia, é... dividia... ela tinha uma dinâmica, ela e os assistentes, distribuindo o que cada um seria responsável pelos temas e como é que esses temas dialogavam e a discussão bibliográfica. E, principalmente, eu acho muito interessante, naquela época, quer dizer, ela já introduzia a História da África, com muita bibliografia sobre a descolonização, os processos de independência na África, na China, a Revolução Chinesa, e também a História recente. Até então, essa ideia de que a História deveria se ocupar do passado, da necessidade de... História, de haver um recuo, da famosa visão retrospectiva do passado, a Maria Yedda, de uma certa forma, rompeu com isso de primeira, porque a própria tese dela de livre docência era praticamente de história imediata.

Ela trabalha com aqueles temas, depois até a tese de catedrática também, e está discutindo temas. Um deles era a crise de Suez, o outro era a Primeira Guerra, enfim. Então, eram temas muito recentes e ela até se justificava dizendo da dificuldade dela de trabalhar com fontes, fazer uma pesquisa de fontes primárias num tempo muito curto e daqui do Brasil. Então, na verdade, ela ter acesso a esses

documentos recentes era uma forma dela fazer uma pesquisa com fontes primárias mas que ela podia ter acesso a esse material, né.

Então, eu acho que ela inovou muito nessa perspectiva de incorporar na agenda de trabalho das teses dela a história recente, não vou nem chamar de História Contemporânea, porque a História Contemporânea vem lá, vem daquela definição... da divisão tradicional desde a Revolução Francesa. Então, essa história recente ela incorpora, que, na época, se chamava história do tempo presente, e nem havia uma discussão propriamente para dizer o que que era isso, quais eram os embates, quais eram as limitações, quais eram os desafios de trabalhar com essa História. Ela simplesmente praticava, né.

Andrea Queiroz: *E enfrentava a resistência, né... dos colegas?*

Marieta de Moraes Ferreira: É e havia resistência. E principalmente também uma coisa que eu acho que gerou muita animosidade contra ela era esse interesse, essa reação dinâmica no curso dela e também os temas, quer dizer, explorar o processo de colonização da África, a Revolução Chinesa, todos esses temas que ela trabalhava e trazia para o curso dela, acabava gerando dentro do curso uma resistência muito grande, quer dizer, da parte do Hélio Viana da parte do Eremildo, esses professores que atuavam no curso de História da Faculdade Nacional de Filosofia. E depois, já no IFCS, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, que ela ainda pega um finalzinho ali, de fato, gera uma animosidade contra ela. Depois a própria penetração que ela tinha junto aos alunos. É... a... o respeito, o interesse, né. Esse momento, no final dos anos [19]50 e início dos anos [19]60 e mesmo depois, pós-64... havia a Faculdade Nacional de Filosofia, que era um foco de agitação política, de mobilização, de debates, né. E o curso de História era um curso muito restrito dentro dessa perspectiva. Aqueles quatro catedrais... História do Brasil era leviana, que era um curso extremamente tradicional, quer dizer, nem gosto de usar essa palavra, mas um curso que é... proferia, que oferecia um curso muito focado nos períodos recuados. Era a história colonial, do século XIX, né. Trabalhar com Brasil República já era uma coisa problemática. E mesmo a visão de história que ele oferecia nos cursos tinha muito a ver com aquela história muito factual, aquela história muito de grandes homens, uma história política. Os autores, na época, que geravam interesse, Celso Furtado, Caio Prado, Nelson Werneck, eram cursos interditados dentro da disciplina de História do Brasil, embora o Hélio Viana tivesse dois assistentes que eram pessoas muito mais, digamos, arejadas como o próprio Manoel Maurício e José Luiz Werneck da Silva, né, que eram assistentes dele...

Andrea Queiroz: *... que foram cassados.*

Marieta de Moraes Ferreira: Que foram cassados, né... que foram afastados, enfim. É... mas o curso... a estrutura principal do curso de História do Brasil, a disciplina de História do Brasil, era muito marcada pela presença do Hélio Viana. O curso de... a cadeira, a cátedra de História Antiga e Medieval, dominada pelo Eremildo, que num dado... determinado momento até foi uma pessoa mais aberta. O Eremildo foi eleito duas vezes diretor da Faculdade Nacional de Filosofia com o apoio dos setores de esquerda. Então, ele até um certo momento, ele, digamos, era um liberal. Agora, a partir de

63, aí realmente ele mudou de lado é... de forma radical. Ele passou a ser uma pessoa que, bom, tem a história que todos nós já conhecemos de militância pela direita e com a denúncia de pessoas e todos esses processos que a gente já sabe.

Então, eu acho que a Maria Yedda, ela ficou sendo muito alvo pela penetração que ela tinha pelos alunos e acho também muito pelas ligações que ela tinha com outros professores da Faculdade Nacional de Filosofia, como o próprio Darcy Ribeiro, que já tinha depois vindo para Brasília para criar... Ele era do governo do Jango e depois para a própria estruturação da Universidade de Brasília. Então, essas relações que a Maria Yedda tinha, acho que comprometiam ela aos olhos dessas forças reacionárias... dessas forças da direita, e ela passa a ser vista... e eu acho que, principalmente, essa liderança intelectual que ela tinha junto aos alunos. Isso eu acho que foi uma coisa assim que... E além do mais, era mulher. E eu acho que esse ponto é um ponto importante, porque se você vê alguns desses dossiês, tanto do... do... do DOPS, né... é eles não só a acusam de comunista, mas sempre paira aquela acusação de uma pessoa imoral, de uma pessoa que acobertava atos imorais no espaço da faculdade, que ela protegia alunos dentro da faculdade, né.

Andrea Queiroz: *As expressões como “libertina”, né?*

Marieta de Moraes Ferreira: É. Então, além das acusações de ordem política, ela também enfrentava essas acusações de ordem moral. E eu acho que isso foi uma coisa muito dramática pra ela. Muito dramática. Para ela, afinal de contas, uma pessoa casada, com dois filhos, uma pessoa conhecida na sociedade do Rio de Janeiro. Eu acho que ela, quando me deu esse depoimento, isso foi uma coisa muito marcante, assim... de muita emoção para ela. Então, primeiro ouvir o depoimento dela, nas palavras dela, e depois ler as acusações feitas a ela na documentação policial. Então, eu acho que são formas de você tratar um objeto que eu acho que são muito importantes pro ofício do historiador, mas também pra gente compreender a dimensão que essa mulher teve na época dela, no tempo dela.

Andrea Queiroz: *E traz também uma questão, a gente pode se envolver emocionalmente sem deixar de ser crítica.*

Marieta de Moraes Ferreira: É, exatamente.

Andrea Queiroz: *Tem suas emoções ali envolvidas para conhecer a história dessa pessoa que trouxe um caminho para a sua trajetória.*

Marieta de Moraes Ferreira: E pra minha pesquisa, né?

Andrea Queiroz: *E pra sua pesquisa.*

Marieta de Moraes Ferreira: Na verdade, ela ocupa esses dois lugares: de um lado, assim de ter tido uma importância... digamos factual, até assim, na minha carreira; e, ao mesmo tempo, de colocar temas para minha pesquisa.

Andrea Queiroz: *Trazendo até algo que não está diretamente ligado à sua trajetória e nem da Maria Yedda, mas assim à minha trajetória é que nas relações, interações de vida, ela faleceu exatamente no ano que eu defendi meu doutorado, você sendo a minha orientadora. Então assim, as histórias, às vezes, se cruzam nesse sentido e é impressionante. Quando eu vi e estava produzindo o trabalho sobre a trajetória dela e da Eulália, eu falei... fiquei impressionada porque as duas falecem exatamente no mesmo ano, ali naquele contexto, né, de uma tristeza perdê-las, mas eu tava naquele momento celebrando exatamente a conclusão da minha trajetória naquele doutorado, né, naquele espaço em que as duas idealizaram, uma das idealizadoras. Então assim, esse... esse processo das interações também faz parte do que eu percebo muito fazendo essas entrevistas, como é... as memórias afetivas também de todos que sentam aqui pra falar têm uma relação direta ou com as pessoas ligadas na trajetória, mas com esse espaço, com a sua memória com a Universidade. Aí nesse ponto, eu queria também pra poder a gente trazer esse momento dessa trajetória sua na Universidade, que a gente chega num momento célebre agora que é a sua emergência. Então assim, é... coletando de tudo isso que foi feito nessa trajetória de pensar Marieta como pesquisadora, como historiadora, como docente, tendo todo esse legado, inclusive de incentivo à pesquisa, eu lembro que na sua emergência foi falado quantitativamente de quantas orientações você teve nesse longo processo, né... de... de chegada na Universidade até hoje.*

Marieta de Moraes Ferreira: Mais de 100.

Andrea Queiroz: *Mais de 100. Então, assim, eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre isso, a importância também desse trabalho, porque foram outras tantas pesquisas que, de certa forma, você desenvolveu, mas que contribuiu para que fossem desenvolvidas.*

Marieta de Moraes Ferreira: Não, eu acho que tem uma coisa interessante que eu gostaria de registrar aqui. É a minha aproximação com essa ideia de estudar o curso de História como um objeto. Trabalhar com o curso de História não apenas como uma... uma professora, uma personagem deste curso, uma atora deste curso, como professora, orientadora, mas, também, de transformar esse curso como um objeto de pesquisa pra mim, eu acho que foi muito importante, porque isso, também, acabou encaminhando a minha trajetória em direção ao ensino de história. Então, é... o ensino de história começou a parecer para mim como uma área de investigação. Ao estudar o curso de história, que, inicialmente, tinha um foco fundamental na historiografia, quer dizer, nas concepções de História, nas visões de História, na própria repressão política, mas de outro lado, isso começa também a me direcionar para a ideia do ensino de história e da formação de professores. Isso passa paulatinamente, isso vai se constituindo como um objeto também de investigação pra mim, dentro não só das minhas aulas, dos cursos que eu dava, mas também de orientação.

E nesse contexto é que eu acabo, também, me orientando pra participar da criação do ProfHistória, quando é... o professor Carlos Fico me procura e diz que ele tinha interesse, ou ele achava que seria

interessante que a UFRJ se engajasse nesse programa de criação de mestrados profissionais, já que outras Universidades e outras instituições estavam desenvolvendo, o ProfMat [Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional], o ProfLetras [Mestrado Profissional em Letras], que a UFRJ poderia se engajar na criação de um mestrado profissional de ensino de história, e se eu não aceitaria liderar esse projeto.

E, a partir disso, realmente, isso passou a ter uma relação muito forte entre os meus objetos de pesquisa, as orientações que eu fazia, seja na graduação, em torno de monografia, mas até mesmo nas dissertações e teses de doutorado, no Programa de Pós-Graduação Acadêmico, no PPGHIS. Então, eu consegui juntar essas coisas, articular esses campos. E com isso eu me envolvi muito na criação do mestrado profissional de um ensino de história, pra não só criar o programa, reunir pessoas. Eu acho que essa talvez seja uma qualidade que eu tenha, a capacidade de reunir pessoas e conseguir trabalhar junto com essas pessoas em cima de projetos.

E com isso nós conseguimos não só com os colegas da UFRJ, acho que foi importante também a parceria com os colegas da Faculdade de Educação e lá do Instituto de História pra que nós pudéssemos... isso começou em 2012, a gente começou a se reunir... começar a pensar como fazer isso. Depois passamos para os colegas do Rio, da UFF, da UNIRIO, da Rural, da UERJ, e, em seguida, para a ideia da própria criação da rede nacional, que é uma exigência da CAPES. Iniciamos o programa, com 12 núcleos, e hoje são 39 núcleos. Eu fui a coordenadora nacional durante seis anos, depois eu acabei... meu período já estava bom pra se encerrar como coordenadora nacional, mas continuo mesmo agora aposentada, como emérita, dando aula neste momento. Estou dando uma disciplina no ProfHistória, um seminário de pesquisa, que é algo que me gratifica muito, porque eu acho que é fundamental nós também trabalharmos na educação básica, trabalharmos pensando na educação básica. E o ProfHistória tá exatamente direcionado para os professores da educação básica. Os nossos alunos são os professores que atuam com a sua grande valia nas escolas públicas do Rio de Janeiro e nos outros estados da federação. O ProfHistória, hoje, está praticamente em quase todos os estados. Um ou outro estado que não tem ainda ProfHistória.

Então eu acho que isso foi muito importante para a minha carreira na UFRJ. É... as minhas áreas de pesquisa com isso se ampliaram, porque durante muito tempo eu trabalhava muito com a História política do Rio de Janeiro. Eu orientei muitos trabalhos, muitas dissertações, muitas teses de doutorado, muitas monografias. Dei muitos cursos na graduação, também na pós sobre Rio de Janeiro, sobre História Política, que foi um campo que eu me dediquei muito tempo, até porque minha tese de doutorado foi nessa área de história política, as elites políticas no estado do Rio de Janeiro. Mas, é... com essa... esse direcionamento pra História... os cursos de História... história do ensino de História, eu acabei não só trabalhando no campo da historiografia, a história do ensino de História, dos cursos de História, mas também direcionando para o ensino de História de uma maneira geral, para os cursos de graduação de História e para a formação dos professores, que, em última instância, as nossas graduações são licenciaturas. E essas licenciaturas formam professores da educação básica. E é muito importante que nós possamos contribuir, refletir e discutir o que que é formar um professor.

Porque eu acho que durante muito tempo, as nossas graduações, e acho, que grande parte, isso ainda é uma questão... a gente direcionou muito os nossos alunos das nossas licenciaturas muito com foco na pós-graduação, com foco na pesquisa... pesquisa estritamente acadêmica, e não nos preocupamos muito

com a formação dos professores. Como formar, como ajudar esses alunos a se tornarem professores, que é o que eles vão ser na sua grande maioria. Então, eu vejo a minha trajetória na UFRJ... até a obtenção desse título de Professora Emérita, muita em função dessa trajetória, dessa atuação frente ao ProfHistória. Eu acho que talvez tenha sido uma das coisas mais importantes que eu fiz ao longo dessas várias décadas que estou atuando. Digo “estou atuando” porque continuo atuando na UFRJ. Então, ter oferecido sem-número de cursos e também ter orientado mais de cem trabalhos na pós-graduação, sem contar monografias, mas principalmente dissertação e tese de doutorado e agora os próprios Pós-doutorados, eu acho que foi uma coisa muito importante na minha carreira profissional e também na minha própria formação como pessoa.

A atividade docente é uma atividade extremamente enriquecedora, uma atividade de troca, de aprendizado. Agora então que eu estou dando aula no ProfHistória, nesse momento, eu digo muito pros meus alunos, que são professores, como é que a gente também aprende com eles. O ProfHistória é um espaço especial de troca de conhecimento e de experiência. Então, eu sou muito orgulhosa de ser professora da UFRJ. Sou muito orgulhosa de ter me tornado professora Emérita da UFRJ e de ter tido esse papel e de continuar tendo esse papel, não só formando quadros acadêmicos, mas também formando professores de educação básica.

Andrea Queiroz: *Pra gente encerrar, não poderia deixar de registrar um ponto que faz parte aqui. Eu que fui sua orientanda de doutorado, tenho a sua supervisão no pós-doutorado, estou aqui fazendo um trabalho de história oral... também o seu pioneirismo e o quanto você abriu portas nesse sentido para pesquisas e estudos em que a gente usa o processo, né... chamando de processo ou metodologia de história oral, no trabalho de várias novas pesquisas no tempo mais recente, na História do tempo presente, em que isso se tornou uma prática valorizada dentro da Academia e que a gente sabe muito bem que foi muita luta...*

Marieta de Moraes Ferreira: Muito difícil...

Andrea Queiroz: *Muita luta...*

Marieta de Moraes Ferreira: Isso daí mais uma vez, eu posso...

Andrea Queiroz: *Aí eu gostaria de encerrar com esse momento.*

Marieta de Moraes Ferreira: É... remeter um pouco a minha querida professora Maria Yedda Linhares. É... eu comecei a trabalhar com história oral de uma forma um pouco assim... num trabalho que eu fazia lá no CPDOC, onde comecei a entrevistar pessoas, eu nem tinha, digamos, uma formação de como é que se fazia uma entrevista, como é que se organizava. Foi uma coisa muito empírica. Depois é que, na verdade, eu acabei me aprofundando, estudando nas discussões sobre memória, que, aliás, é um tema que me é muito caro, nessa relação de historiografia e memória. E, com isso, eu acabei tendo um percurso também importante nessa área de história oral e de memória... Fui diretora da Associação

Brasileira de História Oral. Participei da criação, é... fui a primeira diretora, e depois fui presidente da Associação Internacional, também um momento importante, porque foi exatamente numa conjuntura que a história oral era muito europeia e norte americana, né... e foi com a minha gestão, quando eu fui eleita presidente da Associação Internacional, em 2000, na Turquia, em Istambul, que, de fato, se concretizou a ideia de que nós precisávamos, e expandir e trazer pra Associação Internacional países de outras regiões, com outros universos de pesquisa, com outros atores sociais. E aí, então... na minha gestão, é que nós tivemos o primeiro congresso internacional da Associação na África do Sul. Então, eu também me orgulho muito desse lado da minha carreira.

E trabalhar com história oral, mesmo nos anos [19]80 e início dos anos [19]90, era visto com muita desconfiança, muita desconfiança. Eu me lembro quando os primeiros cursos que eu dei no Departamento de História sobre história oral, principalmente no PPGHIS, eu nem ousava falar em história oral. Era uma coisa, assim, problemática. Era uma fonte oral, memórias e fontes orais. Isso passava a melhor, tá entendendo? E as pessoas achavam... E a própria querida Maria Yedda, ela um dia disse pra mim assim: “minha filha, você é uma pesquisadora muito boa, você é uma professora muito competente, uma pesquisadora muito cuidadosa, sabe trabalhar com fontes, mas você tem esse negócio de história oral, isso não é uma coisa séria, isso não é uma coisa séria. As pessoas mentem, as pessoas falam coisas que não têm muita substância”. Eu falei: não professora, não é isso não. As pessoas falam versões, veiculam memórias. É... aí eu já estava, digamos, familiarizada com os debates em torno das memórias, dos problemas de silenciamentos, distorções, de invenções. E vamos fazer um confronto entre as fontes orais, as fontes escritas. São as fontes escritas são fontes meramente... totalmente objetivas, que também não são marcadas por distorções, por esquecimento, por omissões?

Mas essa era uma discussão grande, né... que a gente travava. E muitos colegas viam isso com muita desconfiança. E a Maria Yedda era uma que ela veiculou para mim esse ponto de vista da... dessa desconfiança com a história oral. Mas é... eu fico muito satisfeita porque a gente avançou muito. E acho que a história oral, de fato, tem problemas, pode ter. Aquele livro que eu organizei, *Uso e Abusos de História Oral*, em [19]96, eu acho, foi exatamente no intuito de problematizar, quer dizer, é claro que a história oral tem problemas, como todas as outras fontes também têm problemas. Mas isso não quer dizer que você não possa utilizá-la, que ela traz grandes contribuições, que ela ajuda você a mapear muitas trajetórias, levantar muitos problemas, muitas hipóteses, e é muito importante que você possa fazer, de fato, cruzamentos entre os vários tipos de fontes. E eu acho que, aliás, isso não é uma qualidade ou um defeito da história oral. As outras fontes também são importantes, que você possa fazer o confronto, poder verificar as informações.

Então eu acho que esse lado também da minha trajetória de lidar com história oral, é... ter se envolvido, ter feito os primeiros cursos na pós-graduação com história oral foi importante. E depois, muitos colegas desenvolveram isso. Na pós-graduação, a gente tem vários laboratórios de história de tempo presente, de história oral. Muitas outras pessoas... Isso hoje é uma coisa já consolidada. Acho que não tem mais ninguém que vai dizer ou vai questionar a validade da história oral. Mas temos que sempre ter essa visão crítica dessas fontes, como também de outras fontes. Mas eu fico satisfeita de ter contribuído pra afirmação desse campo no Brasil e mesmo aqui na nossa Universidade, do nosso instituto, agora, né, Instituto de História.

Andrea Queiroz: *Então, pra encerrar nossa longa conversa que nós tivemos agora.*

Marieta de Moraes Ferreira: Longa mesmo.

Andrea Queiroz: *Longa mesmo, né? Que é isso, na verdade, a gente pensa em deixar a fluidez pra que outras lembranças também possam vir à tona. E também uma mensagem de despedida, porque a gente costuma também fazer isso, assim, porque a gente convida o entrevistado nesse momento, ele é a estrela nesse sentido que a gente quer ouvir exatamente, é a escuta sobre o que a pessoa tem a dizer, sobre o que ela está sentindo, sobre a trajetória dela, mas também, claro, sobre a pesquisa, fundamentalmente, mas sobre o que você olha para a Universidade, dessa trajetória, da sua trajetória dentro da Universidade e o que a gente ainda precisa caminhar como instituição? Nesse sentido, eu normalmente... eu peço esse momento final que o entrevistado que tem uma relação com a instituição, o que ele vislumbra pra essa instituição, e aí é algo que não cabe, porque não tá dentro do pesquisador, não tá dentro, tá dentro do ser humano ali, né, como é que ele se sente na instituição, como é que ele pertence a essa instituição?*

Marieta de Moraes Ferreira: Olha, ao longo desses anos todos, eu entrei na UFRJ em [19]86, então nós estamos em 2022. São vários anos, décadas de trabalho, atuando na graduação, mestrado, doutorado, em cargos administrativos, dirigindo projetos. Eu me sinto muito satisfeita, me sinto, assim, muito realizada. Fico feliz olhando o que eu fiz, porque, às vezes, a gente olha para trás e diz assim: “ah, eu devia ter feito melhor”. Claro, a gente sempre acha que poderia ter feito melhor. Mas, de toda forma, eu me sinto muito satisfeita com a carreira que eu fiz na UFRJ. Me sinto orgulhosa, me sinto muito feliz de estar nessa Universidade. Eu acho que a UFRJ, com todas as suas dificuldades, todos os seus problemas, ao longo dessas quase três décadas, quase quatro décadas... é... eu acompanho momentos difíceis, momentos de greve, o próprio momento em que nós estamos vivendo, né... onde as Universidades públicas estão sendo atacadas permanentemente. Esperamos que agora, nesse novo governo, novamente a gente possa ter um reconhecimento de recursos pra que a Universidade possa, de fato, exercer plenamente a sua missão. Então... mas considerando uma coisa mais geral, eu acho que... estar no UFRJ é motivo de orgulho, de satisfação, e eu desejo que essa Universidade só possa crescer, né? Crescer não só em tamanho, mas crescer em qualidade, que ela possa melhorar a sua gestão interna, que eu acho que é uma dificuldade da Universidade, do setor público é a gestão interna, né? Tantos entraves, tantas interdições que a gente tem que enfrentar, mas, ainda assim, eu creio que... o que eu desejo é que cada vez mais a Universidade possa... essa Universidade, como uma Universidade pública, ela possa, de fato, é... cumprir essa meta de pública e de qualidade. Então, eu acho que muitas vezes essas palavras são ditas, mas nem sempre elas tem... expressam tudo o que isso significa.

Andrea Queiroz: *Talvez no contexto atual, a gente tenha sentido muita importância disso e essa resignificação. É por isso que normalmente eu peço, nesse desfecho, que aí vem um sentimento do ser humano ligado à instituição. Sem pensar o pesquisador, sem pensar o docente, mas aquele indivíduo que tá aqui cotidianamente, que lida com esse espaço.*

Marieta de Moraes Ferreira: Não, eu creio porque vejo muito, nesse momento, em que eu acho que a sociedade está extremamente polarizada e você vê um grande número de pessoas emitindo opiniões, interpretações sobre o que que é a Universidade, o que é o ensino público, de uma forma tão negativa, tão equivocada. Eu desejo que a gente possa superar isso. Não só na Universidade, mas em maior reconhecimento da importância da ciência, o valor do conhecimento que é produzido na Universidade, que eu acho que nos últimos tempos isso tem sido muito desvalorizado e questionado. Eu espero que a UFRJ, juntamente com outras instituições, possa superar essa... esse imenso desafio, que eu acho também um imenso desafio, que está aí colocado na mesa pra todos nós.

Andrea Queiroz: *Muito obrigada, Marieta. Foi uma excelente entrevista. A gente já chegou a quase duas horas de entrevista.*

Marieta de Moraes Ferreira: Muito obrigada, querida. Também foi um prazer. Te agradeço muito de tá podendo dar esse depoimento. Agradeço aqui à equipe que está trabalhando aqui com você. E fico feliz não só por poder fazer esse depoimento, mas fazer esse depoimento com você e para você, já que laços de amizade e acadêmicos nos unem já há alguns anos.

Andrea Queiroz: *Muito obrigada. Pra ficar registrado, vou me levantar agora, né... e agradecer, né... publicamente. Não faço isso com todos não. Só com a Marieta (risos). Eu nunca apareço...*

Marieta de Moraes Ferreira: Mas nós temos uma História.

Andrea Queiroz: *A gente olha pra cá.*

Marieta de Moraes Ferreira: Tem uma história.

Andrea Queiroz: *Vem fazer foto (risos). É um momento que fica difícil dissociar, né, o pesquisador do indivíduo. Não tem como. Por isso, que, normalmente, no final, eu sempre peço, porque aí é tirar as amarras. Não quero que você fale aqui como acadêmico, cientista que tá aqui, mas como aquela pessoa... aquela pessoa... o ser humano que tem um sentimento com esse espaço, que tem orgulho de estar aqui, sabe das dificuldades, mas, assim, luta diariamente. A gente luta diariamente para manter. Só a gente sabe como é, né? Para manter esse patrimônio aqui.*

Marieta de Moraes Ferreira: Agora acabou, né?

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, v. 3, p. 314-332, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X003006013>. Acesso em 10 mar. 2024.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Ditadura militar, universidade e ensino de história: da Universidade do Brasil à UFRJ. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 66, n. 4, p. 32-37, dez. 2014. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v66n4/a12v66n4.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015.

FICO, Carlos. "Prefácio". In: SEDREZ, Lise (Org.) *O ofício da historiadora: homenagem à Marieta de Moraes Ferreira*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2022. p. 7-20.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. A memória institucional e os impactos da repressão na UFRJ (1964-1985). In: Encontro de História da ANPUH-Rio, 18., 2018, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2018.